

ELITES REGIONAIS NO ESTADO NOVO: O Caso de Virgílio Corrêa Filho

Vilma Eliza Trindade¹
Universidade de São Paulo

RESUMO

Nesta comunicação pretendo evidenciar o papel desempenhado por Virgílio Corrêa Filho (Cuiabá-MT, 1887/Rio de Janeiro/RJ, 1973), descendente de tradicional elite mato-grossense, como intelectual engajado na elaboração de uma identidade construída com o objetivo de registrar a importância de Mato Grosso para a formação e consolidação da unidade nacional, importante premissa do governo de Getúlio Vargas na época do Estado Novo, período este, marcado pela busca da “brasileiridade”. Suas publicações, em geral, expressam o interesse pela realização da propaganda de Mato Grosso, cuja finalidade seria a defesa da integração nacional, resultante, naturalmente, do seu compromisso com a história vivida.

Parafraseando Michel de Certeau² podemos afirmar que toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Portanto, para analisar a produção de Virgílio Corrêa Filho é preciso identificar alguns fatos da trajetória que marcou sua vida. Enquanto intelectual vinculado a órgãos oficiais que desempenharam um papel relevante ao colaborar, sob diversos aspectos, para o consenso em torno do programa de construção do estado nacional desenvolvido por Getúlio Vargas, especialmente no período do Estado Novo (10/11/1937- 29/10/1945), como o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB-RJ)* e o *Conselho Nacional de Geografia (CNG-RJ)*, é possível pensá-lo a partir da categoria gramsciana de “*intelectual orgânico*”³, ou seja, aquele que dispõe de um complexo de relações com as estruturas de poder que o mantêm, atuando para atender aos objetivos do grupo social dominante, no caso, colaborar com a propaganda doutrinária em voga, tendo em vista o discurso que permeia suas publicações. Virgílio Corrêa Filho também foi sócio de outros *Institutos Históricos* como o do Maranhão, do Ceará, de Pernambuco, de Sergipe, da Bahia, do Espírito Santo, de Petrópolis, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do *Instituto Paraguayo de Investigaciones Historicas*, da *Sociedade Brasileira*

¹ Doutora em Ciências: História Social – Universidade de São Paulo/USP/SP. Professora de Teoria da História no Câmpus de Corumbá/Fundação Universidade de Mato Grosso do Sul/UFMS – Brasil.

² Certeau, M. “ A operação histórica”. In: Le Goff, J. *História: Novos Problemas*. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 18.

de Geografia, da *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, da *Academia Portuguesa de História*, da *Academia Carioca de Letras*, do *Instituto Arqueológico e Geográfico* de Pernambuco.

A atividade jornalística que desenvolveu como colaborador efetivo do *Jornal do Comércio* (RJ), por mais de três décadas (1927-1960), publicando temas ligados à cultura e à História do Brasil, além de outros, também significou um recurso eficiente de ingresso no mercado intelectual e de participação nos importantes meios políticos e sociais da época⁴. Assim, pode ser consagrado pelas funções públicas de grande prestígio que assumiu junto ao poder constituído. Portanto, para debruçar sobre um significativo *corpus* de textos produzidos por ele durante o Estado Novo é necessário levar em conta, finalmente, que “*escrevendo sobre o seu próprio tempo*”⁵, refletiu na história construída a experiência vivida, pessoal e coletiva, isto é, a sua interpretação da história deve ser datada e analisada colocando-se em evidência seu crescente interesse pelos estudos históricos, em particular, os relacionados com seu estado natal, Mato Grosso.

Com efetivo envolvimento no meio cultural mato-grossense, como sócio fundador do *Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT)*, Cuiabá-1919) e da *Academia Mato-grossense de Letras* (Cuiabá-1921), fazia parte de uma família muito influente no cenário político-econômico local, com representantes na esfera nacional. Sua formatura em Engenharia Civil, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro⁶ em 1908, coincidiu com a Exposição Nacional em comemoração ao “*Centenário da Abertura dos Portos*”, organizada pelo Presidente Afonso Pena, da qual participou como um dos delegados por Mato Grosso. Tal evento permitiu-lhe conhecer políticos influentes à época, como o Senador Antonio Azeredo, o Senador Pinheiro Machado⁷, Tavares de Lyra⁸, Ministro da Justiça, e Miguel Calmon⁹, Ministro da Viação, além de outros.

³ Gramsci, A. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1978, p. 03-23.

⁴ Gomes, A. de C. *História e Historiadores. A Política Cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 45-6. Sobre o papel dos intelectuais no Estado Novo, ver também: Oliveira, Lúcia L. et al. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1982.

⁵ Hobsbawm, E. J. “O Presente como História: Escrever a História de seu próprio Tempo”. Tradução: Heloísa Buarque de Almeida. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, 43: 103-112, novembro de 1995. Sobre o tema “História do Tempo Presente”, ver também o capítulo: “Pensar o tempo presente”, na obra: Ferreira, M. de M. e Amado, J. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 203-229.

⁶ Turma de Estradas e Pontes de 1906: Benjamin do Monte (RJ), Álvaro de M. Röhe (RJ), A. F. de Souza da Silveira (RJ), Antonio Meira Júnior (RJ), Antonio Botafogo (RJ), Gastão de Attayde (RJ), Carlos da Gama Lobo (RJ), Aristides F. Figueiredo (Estado do RJ), Joaquim A. B. Ottoni (PR), Muniz Freire Júnior (ES), Virgílio Corrêa Filho (MT). *Arquivo de Iconografia do IHGB*.

⁷ Corrêa Filho, V. “Pinheiro Machado no Instituto Histórico”. *Revista do IHGB*. v. 211, abr/jun., 1951.

⁸ - - - “Tavares de Lyra- Historiador”. *Revista do IHGB*, v. 228, jul/set. de 1955.

⁹ - - - “Miguel Calmon”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1935.

No *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* além de atuar como 1º Secretário, Virgílio Corrêa Filho recebeu o título de Sócio-Benemérito. O ingresso como sócio ocorreu em 1931, já no governo de Getúlio Vargas, quando foi reconhecido e prestigiado como autor dos trabalhos: *Mato-Grosso, Estrada da Chapada, Questões de Terras, Notas à Margem, As Raias de Mato Grosso, Os Tratados com a Bolívia, As Estradas de Mato Grosso, Os Predecessores de Rondon e Monografias Cuiabanas*¹⁰. O ideal pela defesa da integridade do território nacional sempre esteve presente em suas publicações. Nelas é possível perceber seu interesse em colaborar para a definição de propriedade dos latifúndios, povoamento organizado do interior do país, bem como, das faixas de fronteira, implementação dos meios de transportes e, para a fixação, especialmente, dos limites mato-grossenses. Ao conferir legitimidade às práticas políticas do seu tempo, referia-se a Mato Grosso, integrando-o, especialmente, ao programa da “*Marcha para Oeste*”, empreendida por Getúlio Vargas. Um forte condicionamento geopolítico levou-o a desenvolver temas nesta perspectiva, não os restringindo, porém, à região de origem. Desta forma, é necessário enfatizar que quando escreveu sobre Mato Grosso, não foi somente por mero sentimentalismo pelo torrão natal. Seus trabalhos têm um sentido mais complexo e só podem ser melhor dimensionados, à luz de um universo maior. Tratava-se de uma região com posição geográfica estratégica, para o desenvolvimento dos projetos de interiorização do país, de ligação com o litoral e com os países da América Latina. Outro fator geopolítico importante é a extensão do território, além dos rios, vias que, quando bem aproveitadas, podem contribuir para a defesa e integração nacional, parte do projeto nacionalista centralizador.

A colaboração constante prestada por Virgílio Corrêa Filho aos interventores de Mato Grosso, naturalmente homens da confiança do presidente, garantiu-lhe as credenciais necessárias que o levaram a pertencer à alta burocracia do *Conselho Nacional de Geografia*, organismo oficial de coordenação e supervisão das atividades geográficas brasileiras, criado em 1937 e incorporado ao *Instituto Nacional de Estatística* de 1934, e que tinha como finalidade fortalecer o serviço federal de estatística territorial, viabilizando, portanto, o projeto de

¹⁰ Ibid., p. 437. Para conferir as informações que se seguem, ver também: “Centenário de Virgílio Corrêa Filho”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 148, n. 354, jan/mar., 1987, p. 78-115; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 300, jul/set., 1973, p. 325-6; Sousa, Luís de Castro. “Evocação de Virgílio Corrêa Filho”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 301, out/dez., 1973, p. 102-108; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v. 351, abr./jun., 1986, p. 449-451; Correspondência ativa e passiva de Virgílio Corrêa Filho com Damião Peres. *Arquivo do IHGB.*, Rio de Janeiro; *Dicionário Biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros*. Rio de Janeiro, *IHGB*, v. 2, 1992, p. 325; Corrêa, S.A.A. (org.). *Recordações Inéditas de Virgílio Corrêa Filho em seu Centenário*.

conhecimento e legitimação do território nacional, fator imprescindível à construção da brasilidade proposta por Vargas.

No decorrer da pesquisa, constatei a existência de mais de duas centenas de publicações de sua autoria nas revistas do *IHGB* e do *CNG*, com informações obtidas, especialmente, em fontes primárias, o que revela o cuidado que dispensava à documentação, característica da sua produção. Segundo Mônica Pimenta Velloso¹¹, para a capitalização do intelectual para o projeto literário estadonovista exigia-se, como requisito fundamental, o caráter realista e documental-biográfico da sua obra. Isto porque, esta deveria ser vista como o “retrato do Brasil”, ou mesmo como “documento e espelho da realidade brasileira”, estampando com perfeição a imagem da nacionalidade, correspondendo, portanto, à simetria “autor-obra-nação”, paradigma naturalista do Estado Novo. Desta forma, o documento emprestaria estatuto de conhecimento verdadeiro, ou mesmo autenticidade, à obra, de modo que esta pudesse ser interpretada como o real, e não, como se sabe, uma representação do real¹².

Também foi vinculado ao *Instituto Pan-americano de Geografia e História (IPGH)*, organização internacional permanente custeada pelos governos americanos¹³, sediado no México, em 1947. Segundo ele, o *IPGH* originou-se da 6ª Conferência Internacional Americana ocorrida em Cuba, em 1928¹⁴. O objetivo era a “aproximação de estudiosos dedicados aos mesmos problemas” para reunir esforços “em prol de uma obra comum”¹⁵, ou seja, consolidar a união dos países americanos, além de aprofundar o conhecimento geográfico e científico do continente. Como um defensor do pan-americanismo, sempre viu com bons olhos a participação do Brasil neste *Instituto*, cuja assembléia inaugural realizou-se no Rio de Janeiro no ano de 1932, na qual representou o *IHMT*.

Os textos relativos ao Pan-Americanismo refletem a política externa brasileira, dentro da estratégia da “Boa Vizinhança”, defendida por Franklin Roosevelt e apoiada por Getúlio Vargas, de cuja propaganda encarregavam-se, oficialmente, o *IHGB* e o *CNG*, sediando e

¹¹ Velloso, M. “A Literatura como Espelho da Nação”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1988, p. 239-263.

¹² Roger Chartier comentou fartamente o conceito de “representação” na obra: Chartier, R. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990; no Artigo: Chartier, R. “A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

¹³ “Comentários”. *Revista Brasileira de Geografia*, julho/setembro de 1944, p. 375. O objetivo do *IPGH* era de congregar os cientistas das Américas. “Noticiário”. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, abril-junho de 1944, p. 296.

¹⁴ Corrêa Filho, V. “O Instituto e os Congressos de História”. *Mensário do Jornal do Comércio*. op.cit.

¹⁵ Ibid. Consultar também: Corrêa, S.A.A. (org.). *Recordações Inéditas de Virgílio Corrêa Filho em seu Centenário*. Op.cit.

organizando as reuniões do *IPGH*. São estas múltiplas evidências, inter-relacionadas¹⁶, que garantem a compreensão da história vivida e construída por Virgílio Corrêa Filho. É importante enfatizar que o governo de Getúlio Vargas, especialmente através da diplomacia do Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, afirmou a adesão à solidariedade pan-americana em 1940. Ao aderir à esta política o objetivo da diplomacia brasileira era fortalecer os vínculos com os Estados Unidos. Dando o seu apoio à causa, Virgílio Corrêa Filho escreveu o artigo: “O Instituto Histórico e o Itamarati”¹⁷, onde saudou o ingresso, no *IHGB*, do citado ministro. Aproveitou a oportunidade para demonstrar como a aliança entre o *Instituto* e o *Itamarati* mostrava-se profícua, ao contribuir para a propaganda do Pan-Americanismo¹⁸. Seu entusiasmo pela formação de “*poderoso bloco defensivo*”, condiz com a decisão tomada em janeiro de 1942, no Rio de Janeiro, pelos Chanceleres americanos, em favor do rompimento de relações com os países do Eixo¹⁹ (Alemanha, Itália e Japão), o que teria reforçado a política da união americana. Em outro artigo²⁰, continuou exaltando esta política, também chamada de “Boa Vizinhaça”, incentivada pelo presidente Franklin Delano Roosevelt, que vinculou a segurança dos Estados Unidos à de todo o continente²¹. Artigos publicados por Virgílio Corrêa Filho como: “Embaixador da Paz”²², “O Itamarati e a História do Brasil - À sombra de sadias tradições”²³, “O Instituto Histórico e a cordialidade americana”²⁴, “Data Pan-americana”²⁵, entre outros, correspondem a estas expectativas e só podem ser compreendidos à luz destas evidências, conservando, pois, o mesmo discurso de admiração pela política externa executada pelo governo. Além de evocar o papel destinado aos intelectuais, “*publicistas*”, no “Panorama

¹⁶ Thompson, E. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. p. 15.

¹⁷ Corrêa Filho, V. “O Instituto Histórico e o Itamarati”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1940. Ver também: - - - “O Itamarati e a História do Brasil. À sombra de sadias tradições”. *Revista do IHGB*, v. 233, out./dez. de 1956.

¹⁸ - - - “Data Pan-Americana”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1940.

¹⁹ Bandeira, M. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de história)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978, p. 287.

²⁰ Corrêa Filho, V. “Pan-Americanismo”. Rio de Janeiro: *Arquivo do Dr. Virgílio Corrêa Filho IHGB*, 25 de abril de 1942; Ver também: - - - “José Bonifácio e o seu sentimento Americano”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 03 de abril de 1938.

²¹ McCann, Frank D. *A Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*. Tradução de Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, P. 97.

²² Sobre José Carlos de Macedo Soares, personagem muito importante do Estado Novo que, entre outros cargos, foi Ministro da Justiça e Presidente do *IHGB*. Corrêa Filho, V. “Embaixador da Paz”. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.229, out./dez. de 1955, p. 342.

²³ - - - “O Itamarati e a História do Brasil - À sombra de sadias tradições”. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 233, p. 202.

²⁴ - - - “O Instituto Histórico e a cordialidade americana”. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.208, p. 340.

²⁵ - - - “Data Pan-americana”. *Mensário do Jornal do Comércio*, 21 de abril de 1940

Luminoso”²⁶, como denominava o período, é importante observar que é possível entrever no discurso de Virgílio Corrêa Filho a política do momento, ou seja, o presidente brasileiro abandonara a neutralidade, período ao qual dedicou também vários artigos ²⁷, envolvendo o país no conflito mundial ao lado dos Estados Unidos. Seus trabalhos refletem, portanto, os rumos da política de Getúlio Vargas tanto no contexto nacional como internacional, procurando sempre demonstrar os sucessos e sua eficácia para o futuro do Brasil. Como intelectual orgânico, cumpriu sua missão. Não podia deixar de participar da orientação política cultural do regime. Os temas veiculados na imprensa oficial, após a declaração de guerra, em agosto de 1942, tinham como finalidade preparar a sociedade brasileira, mantê-la informada sobre a política militar do governo e registrar o posicionamento de Getúlio Vargas já pró-Estados Unidos e de oposição às questões do fascismo. Assim, era organizada a memória que deveria ser divulgada e, portanto, preservada. Não se pode perder de vista o fato de que fora organizada uma verdadeira rede de produção intelectual voltada para a legitimação do projeto de construção da nacionalidade desenvolvido por Getúlio Vargas. Desta forma, com participação em vários Congressos, apresentando e publicando trabalhos, Virgílio Corrêa Filho tomou parte ativa no projeto de construção e difusão, no país e no exterior, de uma memória nacional em conformidade com a máxima de Getúlio Vargas “*Impulsionar e difundir, o mais largamente possível, a cultura é obra de sadia brasilidade*”²⁸.

Para Virgílio Corrêa Filho, Franklin Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, deveria ser colocado “*na série dos grandes presidentes*”, comparando sua política de grandes obras à de Getúlio Vargas, no sentido de ter tomado medidas eficazes contra “*agentes agressivos*”, internos ou externos. Para manifestar a grande admiração que dispensava aos presidentes americanos, Theodore e Franklin Roosevelt, Virgílio Corrêa Filho publicou também os artigos “Os dois Roosevelts”²⁹ e “Roosevelt e o Brasil”³⁰, nos quais, além de narrar a visita do primeiro ao Brasil, descrevendo detalhes da sua passagem por Mato Grosso, mencionou o programa de conferências que ele deveria realizar no Brasil, inclusive no *IHGB*. “N.I.R.A.”³¹,

²⁶ - - - “Panorama Luminoso”. Rio de Janeiro: *Mensário do Jornal do Comércio*, 19 de Novembro de 1939.

²⁷ - - - “Continente de Paz”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 20 de março de 1938;- - - “Natal na América”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1939 .

²⁸ Vergara, Pedro (dir.). “O Pensamento de Getúlio Vargas”. *Ciência Política*. Rio de Janeiro: Órgão Oficial do *Instituto Nacional de Ciência Política*. Boletim Mensal, Fascículo VI, Volume VI, 1943, p.62.

²⁹ - - - . “Os Dois Roosevelts”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1936.

³⁰ - - - . “Roosevelt e o Brasil”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1945.

³¹ - - - . “N.I.R.A. (Política Norte-Americana)”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1933. Ver também: - - - “Boulder Dam”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 04 de junho de 1939.

foi outro artigo escrito para enaltecer a política de Franklin Roosevelt. Neste, Virgílio Corrêa Filho referiu-se à conseqüente campanha, segundo ele, da National Industrial Recovery Administration, motivo das iniciais do tema, promovida para resolver a crise econômica e industrial que assolava o país, após a crise de 29. Ao justificar a rigorosa fiscalização das atividades econômicas e das medidas restritivas adotadas pelo governo americano para recuperar o país, deixou implícita uma alusão à política adotada pelo governo brasileiro, que, naturalmente deveria ter sido inspirada pelo político exemplar. A devoção ao “*paladino da democracia*”, “*Pai da Vitória*”, ou ainda “*Cavaleiro Andante da Liberdade*”, levou-o a escrever “O Descanso do Lidador”³², por ocasião da morte do presidente americano, em 1945, prestando-lhe, então, sua última homenagem.

Mesmo após o Estado Novo, Virgílio Corrêa Filho continuou colaborando com os governantes de Mato Grosso, como evidenciam algumas de suas cartas, em função do prestígio adquirido durante a trajetória percorrida como homem público, intelectual vinculado ao **IHGB** e ao **CNG**, especialmente. As evidências não deixam dúvidas sobre a “*trajetória*” percorrida por Virgílio Corrêa Filho. Homem do século XIX que viveu no século XX, sempre vinculado ao poder constituído, atuou como geopolítico e, ao mesmo tempo, como historiador, trabalhando pelo culto da tradição, ou, como ele dizia, “*guardião das tradições nacionais*”.

As instituições oficiais, em geral, durante o Estado Novo, com certeza, detiveram um olhar extremamente cuidadoso à “*realidade circundante*”, como sugeriu fazer o **IHGB**, de forma exemplar. A legitimidade que advinha desta estratégia, mobilizada e expressa por palavras e pela institucionalização política para cumprir o projeto de organização de uma determinada identidade nacional, pode ser explicada a partir da teoria sobre o “*poder simbólico*” ou “*poder invisível*”, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, segundo o qual o “*poder simbólico*” permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força, graças ao efeito de mobilização”³³. Adaptando estas reflexões para as questões centrais da nossa problemática podemos afirmar que os intelectuais do regime não negligenciaram suas prerrogativas. O poder das palavras foi utilizado para fixar a memória nacional pretendida, ou seja, para obter a legitimação da política do Estado Novo.

BIBLIOGRAFIA

³² - - - . “O Descanso do Lidador”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 22 de abril de 1945.

³³ Bourdieu, P. *O Poder Simbólico*, p. 14.

Bandeira, M. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de história)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978.

Bourdieu, P. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A, 1989.

Certeau, M. “ A operação histórica”. In: Le Goff, J. *História: Novos Problemas*. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

Chartier, R. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

Corrêa, S.A.A. (org.). *Recordações Inéditas de Virgílio Corrêa Filho em seu Centenário*. Rio de Janeiro: 1987.

Corrêa Filho, V. “Pinheiro Machado no Instituto Histórico”. *Revista do IHGB*. v. 211, abr/jun., 1951.

- - - “Tavares de Lyra- Historiador”. *Revista do IHGB*, v. 228, jul/set. de 1955.

- - - “ Miguel Calmon”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1935.

- - - “O Instituto e os Congressos de História”. *Mensário do Jornal do Comércio*.

- - - “O Instituto Histórico e o Itamarati”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1940.

- - - “Data Pan-Americana”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1940.

- - - “O Itamarati e a História do Brasil. À sombra de sadias tradições”. *Revista do IHGB*, v. 233, out./dez. de 1956.

- - - “Pan-Americanismo”. Rio de Janeiro: *Arquivo do Dr. Virgílio Corrêa Filho /IHGB*, 25 de abril de 1942.

- - - “José Bonifácio e o seu sentimento Americano”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 03 de abril de 1938.

- - - “Embaixador da Paz”. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.229, out./dez. de 1955, p. 342.

- - - “O Instituto Histórico e a cordialidade americana”. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.208, p. 340.

- - - “Panorama Luminoso”. Rio de Janeiro: *Mensário do Jornal do Comércio*, 19 de Novembro de 1939.

- - - “Continente de Paz”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 20 de março de 1938.

- - - “Natal na América”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1939

- - - “O Descanso do Lidador”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 22 de abril de 1945.

- - - “Os Dois Roosevelts”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1936.

- - - “Roosevelt e o Brasil”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1945.

- - - “N.I.R.A. (Política Norte-Americana)”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1933.

- - - “Boulder Dam”. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 04 de junho de 1939.

Correspondência ativa e passiva de Virgílio Corrêa Filho com Damião Peres. *Arquivo do IHGB.*, Rio de Janeiro.

Dicionário Biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros. Rio de Janeiro, *IHGB*, v. 2, 1992,p. 325.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1988, p. 239-263; vol. 7, n. 13, 1994,

Ferreira, M. de M. e Amado, J. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Gramsci, A. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1978.

Gomes, A. de C. *História e Historiadores. A Política Cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Hobsbawm, E J. “O Presente como História: Escrever a História de seu próprio Tempo”. Tradução: Heloísa Buarque de Almeida. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, 43: 103-112, novembro de 1995.

McCann, Frank D. *A Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*. Tradução de Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

Oliveira, Lúcia L. et al. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1982.

Revista Brasileira de Geografia, abril/junho de 1944, p. 296; julho/setembro de 1944, p. 375.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. v. 148, n. 354, jan/mar., 1987, p. 78-115; v. 300, jul/set., 1973, p. 325-6; v. 301, out/dez., 1973, p. 102-108; v. 351, abr./jun., 1986, p. 449-451.

Thompson, E. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Vergara, Pedro (dir.). “O Pensamento de Getúlio Vargas”. *Ciência Política*. Rio de Janeiro: Órgão Oficial do *Instituto Nacional de Ciência Política*. Boletim Mensal, Fascículo VI, Volume VI, 1943.